



“A JAULA DE AÇO” E A PERSPECTIVA DE LUTA DE CLASSES NA ATUALIDADE

Ellana Barros Pinheiro¹

Resumo

Este artigo pretende apresentar os elementos de discussão da racionalidade ocidental por meio de Weber e de algumas de suas categorias tendo como base o livro “A jaula de aço” de Michael Löwy, que apresenta uma variedade de autores do pensamento crítico que são influenciados pelo sociólogo de Heidelberg. Exemplo do “pessimismo da razão”, Weber ressalta a visão do devir burguês e a obsessão demasiada por bens materiais, mostrando o capitalismo como sistema opressivo semelhante à “Jaula dura como aço”, onde cessa toda a liberdade individual subjungando o indivíduo “livre” à uma prisão sem dono. O texto que segue, permite a proposta de desenvolvimento das expressões do pensamento crítico que desobedeceram ao pessimismo de Weber e que somam a perspectiva da transformação e renovação do ideal revolucionário marxista- a luta de classes.

Palavras-Chave: “Jaula de Aço.” Luta de classes. Racionalismo capitalista. Marxismo.

1 INTRODUÇÃO

O processo de racionalização como característica da sociedade ocidental é um fenômeno que Weber circunscreve ao mundo moderno. Na produção capitalista reina um critério quantitativo que se impõe sobre as características qualitativas dos diferentes trabalhos humanos concretos. Sendo assim, pode-se compreender as consequências desse processo na vida dos indivíduos, segundo Frederico e Teixeira (2010) a sobrevivência em um mundo marcado e dominado pelas dízimas, tabelas e todos os aspectos quantitativos, indiferente às considerações qualitativas.

A compreensão da dominação racionalista da sociedade capitalista, constitui elemento fundamental para a compreensão dos paradigmas dos homens modernos no mundo, assim como a compreensão de que o funcionamento do mecanismo burocrático, deve ser preciso, constante e rápido. O cumprimento das tarefas pelos trabalhadores não alcançam nada mais além do que um conjunto de regras quantitativas e pouco humanizada, ignorando da conduta humana todos os elementos pessoais, irracionais e emocionais que fogem ao cálculo.

A “servidão dos tempos futuros” que Weber se refere, representa a servidão não mais nos termos do modo de produção feudal, muito menos escravista, mas a servidão moderna, na qual apresenta seu mais importante ícone: a máquina moderna capitalista. Esses aspectos ressaltados por Max Weber, são apenas algumas de suas reflexões sobre sua visão de mundo, na qual aqui se situa como elementos centrais de discussão (ALMEIDA, 2014).

O fio condutor que aqui se apresenta, é a sociedade capitalista “dura feito aço” privilegiando os aspectos de discussão a respeito do pessimismo cultural presente em Weber no qual Michel Löwy ressalta o diagnóstico implacável da racionalização e burocratização da sociedade capitalista, assim como profetiza a amarga premonição de um futuro sombrio.

Toda essa frustração e resignação em meio ao pessimismo, manifesta-se em decorrência da incansável crítica ao capitalismo, trazendo a imagem do “Habitáculo de aço” - que Michel Löwy o traduz como “Jaula de aço” - representando o “diagnóstico *facies hippocratica* da sociedade capitalista moderna”. No entanto, aqui se propõe uma alternativa ao pessimismo de Weber frente a petrificação mecanizada e o processo de reificação

¹ lanaxmiss@hotmail.com - Universidade Federal do Pará.



presente na sociedade do capital, que dão força ao desenvolvimento de expressões do pensamento crítico que desobedecem a esse pessimismo cultural e somam a perspectiva da transformação e renovação do ideal revolucionário marxista como uma alternativa à resignação e à perspectiva utópica de reconciliação entre as classes.

2 MARX, WEBER E A ORIGEM DO CAPITAL

É certo que a maioria dos estudiosos apresentam os dois grandes pensadores como opostos e suas teorias como dois paradigmas contraditórios e incompatíveis, de fato. Entre um de seus aspectos que consolidam tais críticas é o posicionamento favorável de Max Weber ao nacionalismo imperial alemão e sua rejeição ao socialismo, escolhas políticas declaradamente oposta à Marx. No entanto, não se encontra em suas obras um ataque direto à Marx, ao contrário, Weber se refere à obra de Marx, como uma leitura fecunda para a ciência e em seu gênero, uma realização científica de primeira ordem (LÖWY, 2014).

Do ponto de vista intelectual, ambos apresentam como objeto de estudo o interesse pela análise do sistema capitalista:

Marx e Weber compartilham uma visão do capitalismo moderno como universo em que os indivíduos são dirigidos por abstrações em que relações impessoais e “coisificadas” substituem relações pessoais de dependência e em que a acumulação do capital se torna um fim em si, amplamente irracional. Além disso, ambos estão de acordo quando a) definem as classes sociais por posições de poder sobre o mercado e por uma situação de propriedade; b) consideram o Estado nacional/burocrático uma condição necessária do capitalismo -e vice-versa-; c) afirmam que o monopólio da violência é a essência do poder do Estado (LÖWY, 2014, pág18).

Com vistas a apresentar as análises sobre o sistema capitalista sob o aspecto de cada um e as suas avaliações críticas no que concerne o tema aqui abordado, é necessário *a priori* expor a questão da origem do sistema capitalista sob o viés de cada tradição de compreensão.

Com compreensão bem distintas de gênese do capital, Marx exprimi a origem do capitalismo moderno pelo conceito de acumulação primitiva do capital, por meio de uma violenta expropriação dos camponeses, assim como o tráfico de escravos e a pilhagem brutal das colônias. Segundo Marx em sua obra *A origem do Capital* o processo da acumulação primitiva se deu mediante esforços de diversos atores na busca pela apropriação das terras para a agricultura capitalista, expulsando dessa forma, os camponeses para as indústrias e cidades, formando um verdadeiro exército de proletariado, munidos apenas de sua força de trabalho. O sistema de produção capitalista tinha a necessidade da condição servil das massas.

A usurpação dos bens comunais dos camponeses, na Inglaterra, foi baseada na transformação de terras de cultivos em pastos e na expansão das manufaturas de lã. Realizadas por meio da violência (casas eram arrasadas, aldeias destruídas) a expropriação dos camponeses e pequenos arrendatários produziram uma impressão bastante preocupante sobre os contemporâneos pela revolução, tais como o Chanceler Fortescue e Thomas Morus (MARX, 2004). A confiscação dos bens da Igreja contribuiu para dar impulso à expropriação do povo, os burgueses por sua vez, favoreciam a operação com a finalidade de transformar a terra também em mercadoria, aumentando suas reservas de proletariados do campo e ampliando sua agricultura em grande escala, esta burguesia agia em prol de seus próprios interesses. A forma parlamentar de expropriação foi realizada por meio da “Lei sobre o fechamento das



SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

terras comunais” decreto por meio dos quais a terra era expropriada do povo, e passavam a pertencer aos grandes proprietários de terras. Portanto, a retirada de terras dos camponeses, por meio de ações fraudulentas, violentas e terroristas seja pela **Igreja**, pelo **Parlamento**, pelo **Estado**, pelos **grandes proprietários**, ou pela **burguesia**, significou o lançamento de milhares de camponeses sem pão nem chão ao proletariado, inchando cidades e núcleos urbanos.

Por sua vez, Weber não nega a existência desses fenômenos, mas segundo Löwy (2014) para ele, fazem correspondência a um “capitalismo aventureiro” não ao verdadeiro capitalismo moderno, baseado numa atividade economia legal metódica e racional, inspirados por uma ética protestante. Para ele o “florescimento” do capitalismo segue um proposta resultante de uma ética do trabalho do esforço e da poupança de um indivíduo que se entrega a práticas espirituais, na qual ele relaciona com a religião protestante.

Segundo Weber, a racionalidade econômica se apóia nela mesma, impõem-se como uma exigência que não dá às pessoas a autonomia de incorporar ou ignorar a lógica de mercado, “Aquele que em sua conduta de vida não se adapta às condições de sucesso capitalista, ou afunda ou não sobe”. Mas esse modo de vida não se impôs da noite para o dia, Weber acredita que esse “espírito capitalista” que hoje age com dominação apresenta raízes que de certa forma tiveram sua gênese em práticas religiosas, e segundo ele, tiveram que travar duras batalhas contra um mundo de forças hostis de um tradicionalismo baseado na simplicidade de viver do modo que está habituado, viver e ganhar o necessário para seu sustento.

Os fatores puramente econômicos, não eram suficientes para modificar a forma tradicional de pensar e agir dos homens (aumento/redução de salários). “A capacidade de concentração mental bem como a atitude absolutamente central de sentir-se “no dever de trabalhar” encontram-se associadas a um “rigoroso espírito de poupança e uma sobriedade que elevam de maneira excepcional a produtividade” (WEBER,2004, pág55). Essa concepção do trabalho como fim em si mesmo, consequência da educação religiosa e estabelecendo-se como uma “vocação” se traduz como um importante elemento de superação da rotina tradicionalista, e o lançamento à economia de mercado. Weber leva em consideração essa conexão entre capacidade de adaptação ao capitalismo e fatores religiosos (WEBER,2004).

Portanto, a educação religiosa orientada a pôr o trabalho como centralidade da vida sendo uma força muito importante para o rompimento do modo tradicional de trabalhar, favorece o desenvolvimento do “espírito capitalista”. Isto segundo Weber, é aquela conexão entre a capacidade de adaptação ao capitalismo e fatores religiosos.

Esse modo de vida tradicional então, se dissolve em vistas de um processo de racionalização de transações e negócios, comandados por jovens que se sacrificaram e deixaram suas famílias para se dedicar aos negócios e a vida dura da luta concorrencial das transações comerciais, verdadeiros “heróis”.

Segundo Frederico e Teixeira (2010) Weber apresenta uma leitura contrária a de Marx quando revela que a quebra do tradicionalismo e a emergência do capitalismo decorrente daquele, não obtiveram sua origem exclusivamente nas reservas monetárias de dinheiro, no acúmulo do capital, o dinheiro em si, segundo Weber, não foi o único responsável pela dissolução do antigo modo de vida tradicional, há a presença aí, de causalidades culturais e espirituais. Foi sobretudo a questão do desenvolvimento do “espírito capitalista” que criou para si as provisões monetárias como meios de sua efetivação, não o contrário.

O que se pode compreender seguindo a linha de pensamento weberiano, é que não se pode unilateralmente afirmar que somente as causas materiais favoreceram a emergência do capitalismo, mas, é preciso se evidenciar a forte influência do racionalismo teórico-religioso em questão.



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

A distinção dos pressupostos indicados de cada um dos autores a respeito da gênese do capitalismo, coloca a explicação de Weber pela poupança capitalista sob uma ótica positiva, na qual se distingue radicalmente da ótica de Marx, realizados por métodos brutais de acumulação primitiva. Weber em sua explicação favorece a discussão de autolegitimação de proprietários do capital, que justificam o acúmulo de suas riquezas não pela violência ou injustiça, mas pelo “trabalho duro”, poupança e previdência. Os burgueses aí encontram no protestantismo um complemento mais que conveniente, que favorecem e justificam suas práticas inseridas na economia de mercado. Marx por sua vez, não desconsidera que os elementos explicitados por Weber apresentem sentido, o que percebe é que ele não o atribuiu como elemento central na discussão.

As vezes Marx sugere uma relação de causalidade, fazendo da religião um fator ativo na formação do capitalismo. Assim, para apoiar a afirmação de que “o protestantismo é essencialmente um religião burguesa”, ele menciona o papel que a reforma teve na espoliação dos bens da igreja e das terras comunais na Inglaterra. Dando “um novo e terrível impulso ao processo de expropriação violenta das massas populares” (LÖWY,2014, pág21).

É essencial mostrar a conexão que se apresenta entre a ética protestante do culto ao dinheiro e desprezo aos prazeres humanos e o capitalismo. De fato, o estabelecimento da sociedade capitalista que hoje se apresenta, é um reflexo dos vestígios do passado, onde o interesse dos capitalistas, sejam movidos pela racionalização teórico religiosa da ética protestante, ou do interesse incessante de lucros baseados na exploração direta, violenta e coercitiva são reconhecidos como significantes no desencadeamento histórico das transformações econômicas e sociais que hoje a sociedade se insere.

A avaliação crítica como se pode já previamente identificar, será mais intensa em Marx do que Weber, aquele não só condena a mentalidade capitalista e seus processos de expropriação e acumulação, mas apresenta a possibilidade de uma superação deste modo de reprodução de vida, sobretudo por uma revolução socialista operária, em Weber o contrário se manifesta, além de não apostar de nenhuma forma em um socialismo, ele se apresenta como um “observador fatalista e resignado de um modo de produção e administração que lhe parece inevitável” (LÖWY,2014, pág29).

Em Marx, a crítica ao capitalismo é uma linha enérgica que está presente em toda a sua obra, “explode em todas as páginas de *O capital*” e contribui enormemente para a força impressionante de sua crítica de dupla dimensão política e científica. Baseia-se em valores éticos universais de liberdade, igualdade, justiça e autonomia caracterizando um “humanismo revolucionário” que fundamentalmente se opõe a “ética” capitalista (LÖWY,2014, pág30). Ainda como valores essenciais de sua crítica, está o ponto de vista do proletariado, inspirando a perspectiva de classe e reinterpretando a categoria justiça, onde Lowy destaca a resignificação concreta mediante a nova situação de interesses diferentes de classe. A crítica anticapitalista de Marx se organiza em torno de temas fundamentais a respeito da injustiça da exploração em que o sistema capitalista se baseia, no sobretrabalho não pago aos trabalhadores como fonte de lucro. “As manifestações extremas dessa injustiça social são a exploração de crianças, os salários miseráveis, as horas de trabalhos desumanas, as condições sórdidas de vida dos proletários” (LÖWY,2014, pág31). Outro tema fundamental é a perda de liberdade pela alienação da mercadoria em que os indivíduos no modo de produção capitalista estão submetidos, os indivíduos sob à dominação de seus próprios produtos que fogem de seu controle, desconhecem os



SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

resultados de seu próprio trabalho. Pois “quanto mais o operário se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, e seu mundo interior, tanto menos pertence a si próprio” (MARX,2004b, pág81).

O indivíduo que trabalha se torna cada vez mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a produção se eleva com a valorização do mundo das coisas, mais cresce a desvalorização o mundo dos homens. O trabalhador se torna uma mercadoria, uma mercadoria até mais barata que a própria mercadoria que produz (MARX,2004b).

Nos *Manuscritos Econômicos-filosóficos de 1844* Marx revela que o trabalhador encerra sua vida no objeto, entretanto, sua vida não pertence mais a ele, e sim ao objeto, ao passo que quanto maior for este produto, menor ele mesmo será. A exteriorização do trabalhador em seu produto tem o significado da coisificação de seu trabalho e que este existe fora dele, apresenta independência e é estranha a ele “tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se defronta hostil e estranha” (MARX,2004b, pág81).

Quanto mais, portanto, o trabalhador se apropria do mundo externo, da natureza sensível, por meio de seu trabalho, tanto mais ele se priva dos meios de vida segundo um duplo sentido: primeiro, que sempre mais o mundo exterior sensível deixa de ser um objeto pertencente ao trabalho, um meio de vida do seu trabalho; segundo, que [o mundo exterior sensível] cessa, cada vez mais, de ser vida no sentido imediato, meio para a subsistência física do trabalhador” (MARX,2004b, pág81).

E finalmente, a crítica capitalista marxiana de repulsa à quantificação venal da vida social, regulada pelo valor de troca, pela calculabilidade de lucros e pela acumulação do capital advindas do modo de produção da economia de mercado. Este aspecto tende a destruir todo valor qualitativo presente nas relações humanas, assim como os valores éticos, subjugando o “ser” ao “ter”. Marx acredita que o modo de produção capitalista introduz uma profunda degradação das relações sociais e um retrocesso moral em que tudo se tornou comercio (LÖWY,2014).

O poder do dinheiro no modo de produção capitalista dita regras e impõe sanções que regulam a vida do homem em sociedade, é uma das manifestações mais cruéis da quantificação capitalista, ele deturpa todas as “qualidades humanas e naturais” reduzindo-as a medidas monetárias (LÖWY,2014). Em suma, a burguesia transforma continuamente a produção, abalando de forma ininterruptamente todas as condições sociais e movimentos que pode se considerar “eternos”. “Profana-se tudo o que é sagrado, e as pessoas se vêem obrigadas a enxergar com olhos sóbrios seu posicionamento na vida, suas relações uma com as outras” (MARX e ENGELS,2012, pág47). A barbárie moderna na qual também se situa em centralidade na crítica capitalista por Marx, apresenta uma força de “retrocesso social, na medida em que faz de cada progresso econômico uma calamidade pública” (LÖWY,2014, pág33).

Considera-se o retorno a um estado de barbárie, onde Marx e Friedrich Engels no *Manifesto do Partido Comunista de 1948*, consideram cada vez mais a emergência da desordem das forças produtivas, colocando em risco assim até a própria burguesia, pois as relações burguesas tornaram-se tão estreitas que são até demais para comportar toda a riqueza que elas mesmas geram devido as crises comerciais recorrentes de tempos em tempos, a epidemia da superprodução. A burguesia moderna é fruto de um longo processo de desenvolvimento e transformações nos modos de produção e circulação acompanhados de um progresso de ordem política. Em toda a sua história até a seu estabelecimento e hegemonia, a burguesia desempenhou um papel revolucionário, pois onde quer que tenha alcançado o poder, esta o fez através da destruição de todas as relações sociais, patriarcais



e feudais que uniam o ser humano, deixando apenas os laços monetários insensíveis “nas águas gélidas do cálculo egoísta” (MARX e ENGELS, 2012).

Todas essas críticas estão intimamente interligadas, remetendo-se umas às outras e formam assim, um conjunto articulado anticapitalista.

2.1 O PESSIMISMO CULTURAL EM WEBER

Weber apresenta sua crítica ao capitalismo de forma esquizofrênica e por vezes ambígua, ele não hesita em manifestar posicionamentos favoráveis ao capital privado, e até pode se identificar uma aceitação resignada da civilização burguesa como algo que não se pode fugir, inevitável (LÖWY, 2014).

Ele, em algumas de suas passagens identifica a inversão da ordem que a racionalidade capitalista produz na vida das pessoas (em função do ganho como finalidade de vida, não mais como meio de satisfazer as necessidades) como algo natural da vida. Fala da irracionalidade dessa inversão produzida pelo capitalismo como um acontecimento que naturalmente se dá em sociedade, próprio das relações humanas (FREDERICO e TEIXEIRA, 2010). Apesar de revelar uma crítica pessimista e profundamente radical dos paradoxos da racionalidade capitalista, ele não se interessa pelas crises, nem pela luta de classes do proletariado, mas é sensível às contradições e aos limites da racionalidade moderna, denunciando seu caráter formal e instrumental, no que se pese a forma como ele induz efeitos negativos e contrários às aspirações de cunho emancipador da modernidade (LÖWY, 2014). A busca pela calculabilidade e pela eficácia (ignorando em partes a eficiência) a todo custo na sociedade capitalista, desagua inevitavelmente na burocratização e reificação (aspecto da alienação que “coisifica” os sujeitos e as relações sociais, ou seja transforma em coisas, objetos, mercadorias dominadas e subjugadas pela lei do mercado) das atividades humanas, sem perspectivas nenhuma de “reviravolta”, como se a situação constatada se encontrasse inalterada e insuperável. Löwy (2014) acrescenta que essa análise pessimista e resignada de Weber é de certa forma, a negação das ilusões do progresso, uma visão sombria e desacreditada.

O pessimismo cultural designa uma desconfiança em relação aos rumos da modernidade e uma crítica ao capitalismo, liberalismo e ao industrialismo. É considerado um estado de espírito compartilhado na Alemanha do final do século XIX e início do XX “quando o processo de industrialização capitalista do país parecia irreversível; conseqüentemente a modernidade capitalista teve de ser aceita como fatalidade, um destino inexorável” (LÖWY, 2014, pág45).

O pessimismo cultural em Weber é considerado uma das dimensões do pensamento multipolar do autor, é um olhar desencantado sobre a modernidade, trágico, e desacreditado na existência de conter ou impedir o triunfo da civilização capitalista moderna, considerada inevitável. Toda essa frustração e resignação em meio ao pessimismo, manifesta-se em decorrência da incansável crítica ao capitalismo, trazendo a imagem do “Habitáculo de aço” - que Michel Löwy o traduz como “Jaula de aço” - representando o “diagnostico *facies hippocratica* da sociedade capitalista moderna”. Vale ressaltar que Weber não é contrário ao capitalismo, na verdade o vê como um sistema mais racional e eficaz que existiu, entretanto, não acreditando na proposta socialista, não vê alternativas ao modelo capitalista. Weber, contrariando sua própria regra metodológica- de não provocar julgamento de valor e perspectiva pessoal em pesquisas, análises e discussões- ele imprimi às análises da sociedade capitalista, uma visão radicalmente crítica e bastante pessimista em relação ao futuro da civilização (LÖWY, 2014).



2.2 A RACIONALIDADE E O SISTEMA CAPITALISTA FEITO “JAUULA DE AÇO”

A racionalidade ocidental é um fenômeno essencial das sociedades modernas e Weber as reconhece como devidas contradições. Os limites da racionalidade moderna, seu caráter formal e instrumental, e a sua tendência a produzir efeitos, levam à derrubada das aspirações emancipatórias da modernidade. Perante as desigualdades gritantes do capitalismo, Weber aponta a inversão entre meios e fins sob o sob o capital associada ao espírito racionalista e burocrata, ratificando a ideia de que humanidade é aprisionada sob a manifestação organizacional do espírito racional capitalista, tonando-se irreversível, visto que é conveniente ao capital o controle do trabalhador. Portanto, a procura da calculabilidade e da imediata eficácia, leva à burocratização e à reificação das atividades humanas sociais, onde Weber se refere ao “habitação de aço” ou a “petrificação mecânica” (LÖWY,1999).

“Habitação de aço” significa, “a perda de um valor caro a esse liberal atípico que é Weber: a liberdade, em particular a liberdade individual, como uma “escravidão sem mestre”, isto é, um sistema de dominação ao mesmo tempo absoluto e impessoal” (LÖWY,2014, pág56).

Weber designa que a preocupação com os bens materiais exteriores de forma enérgica, cultivada pelo puritanismo inglês, foram as causas que deram origem ao sistema fechado, mecânico e impessoal que a sociedade capitalista se tornou. Como dizia Weber, “o capitalismo é uma escravidão sem mestre” porque os indivíduos são considerados servos e escravos, ou seja, que vive em absoluta sujeição do sistema.

Em sua entrevista concedida para o “Correio da Cidadania” em 2014 quando esteve no Brasil, Michel Löwy declara que a alegoria “jauula de aço” é a ideia do capitalismo como um sistema total, que determina a vida dos indivíduos através de um sistema de forças impessoais que ninguém controla. Isso faz alguns irem à falência, outros prosperarem, uns perdem o emprego, e outros vão à miséria. Esta é uma crítica weberiana do capitalismo que em alguns aspectos apresenta uma aproximação de materialista de Marx, mas ainda sim apresenta certa distinção. O que é incompatível entre os dois, segundo Löwy é que o Weber era um fatalista resignado.

Ao som de seu pessimismo, Weber descarta a ideia ilusória da reconciliação insistindo no caráter insuperável das antinomias, das contradições que definem a condição histórica moderna (LÖWY,1999). Mesmo assim, as interpretações e considerações de Weber a respeito da contradição dos valores, e sua análise dos resultados alienantes da racionalidade instrumental sobre os indivíduos em sociedade, são um ponto de partida muito fecundo ao ponto de vista marxista para a análise da sociedade moderna (COHN, 1989).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (MARX e ENGELS, 2009, pág32). Com este ponto de partida, estabelecemos que a atividade concreta, é o elemento decisivo do ser. Dessa forma, é necessário o entendimento das relações sociais não como um aspecto natural, mas abarcando a ideia da unidade das relações humanas, contemplando assim a gênese da consciência como realidade do homem. A tomada de consciência de si próprio como ser social simultaneamente objeto e sujeito histórico-social, deve-se tomar a realidade como uma atividade humana sensível (LUKÁCS,1989). Com isso, a dialética materialista como conhecimento da realidade se consolida pelo ponto de vista da luta de classes, pela luta do proletariado. A evolução do proletariado reflete a estrutura interna da história da sociedade e a consciência que o toma da



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

realidade social como sua própria posição de classe, conhecendo adequadamente assim, sua realidade.

O processo que aqui se declara é exatamente o oposto ao posicionamento de onde não resulta em qualquer forma de dialética transformadora, há desta forma, a proposta alternativa fortemente desenvolvida nas expressões do pensamento crítico que desobedecem ao pessimismo de Weber e somam a perspectiva da transformação renovação do ideal emancipador. À resignação e à perspectiva utópica de as classes, se apresenta como posposta uma relação com a totalidade (totalidade da sociedade considerada um processo) pela qual cada momento de luta adquire o seu revolucionário, uma relação que é inerente a cada posicionamento no seu aspecto cotidiano. “O caminho da consciência no processo histórico não se aplanar, pelo contrário, torna-se crescentemente mais árduo e faz apelo a uma responsabilidade cada vez maior” (LUKÁCS,1989, pág40). Como uma alternativa marxista, a luta de classes descorda de um estado de espera do trabalhador ao fim do movimento, “um estado futuro”. No contraponto de Weber, ao entendimento de Marx, a luta de classes se estabelece como a superação de uma sociedade de modo de produção baseado na exploração, se configura assim, na esperança de escape da “jaula de aço” capitalista teorizada por Weber. Então é neste pensamento que os dois grandes teóricos se separam. O materialismo se define como instrumento para a perspectiva de mudança e revolução, ferramenta essencial de entendimento do mundo capitalista.

Na presença da teoria marxista, há a possibilidade de reflexão dos acontecimentos ao redor, arrancando o véu que esconde e mascara as relações sociais e econômicas das sociedades ocidentais. “Sem o marxismo, não entendemos o que está acontecendo e tampouco temos elementos de estratégia de luta, e organização, para transformar” (LÖWY, 2014).

Portanto, a visão negativa de Weber sobre o capitalismo não resulta em qualquer forma de dialética transformadora, apresenta assim um contraste em relação ao pensamento de Marx, onde há na possibilidade histórica um futuro emancipado, reconhecendo nas formações pré-capitalistas a existência de formas sociais mais humanas que foram destruídas devido ao “progresso capitalista”.

O estudo e compreensão ligadas a corrente marxista, se constituem em ferramentas e instrumentos para a intervenção na sociedade. Todas as formas de lutas contra a desigualdade, opressão e exclusão são importantes e fundamentais para a busca da emancipação humana, essas lutas buscam e devem buscar a superação de uma sociedade em que a exploração é fio condutor (MONTAÑO e DERIGUETTO, 2011).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Py Murta de. **A Jaula de Aço, de Michael Löwy**. Revista Caros Amigos, São Paulo SP. 2014. Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/cultura/noticias/4666-a-jaula-de-aco-de-michael-loewy>>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

COHN, Gabriel **Introdução** in: WEBER, Max. Organizador Gabriel Cohn. SOCIOLOGIA, Editora Ática-São Paulo-SP. 1989.

FREDERICO, Celso; TEIXEIRA, Francisco. **Marx, Weber e o marxismo weberiano**. São Paulo: Cortez, 2010.



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

LUKÁCS, György, 1885-1971. **História e Consciência de classe: estudos de dialética marxista**- Tradução de Telma Costa; Revisão Manuel A. Resende e Carlos Cruz- 2ª Edição Rio de Janeiro, Elfos Editora; Porto, Portugal: Publicações Escorpião, 1989.

LÖWY, Michael. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano**. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. **Habermas e Weber**. Crítica Marxista, São Paulo, Xamã, v.1, n.9, 1999, p. 79-86.

_____. 2014: o fim das ilusões desenvolvimentistas: Entrevista [Dez 2014]. Entrevistador: Correio da Cidadania, Escrito por Valéria Nader, jornalista e economista, é editora do Correio da Cidadania; Entrevista concedida ao CORREIO DA CIDADANIA, 2014. Disponível em: <http://www.correiodacidade.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10359:manchete191214&catid=34:manchete>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

MARX, Karl. 1818-1883. **A origem do capital: a acumulação primitiva**. Tradução de Klaus Von Puchen. São Paulo: Centauro. 2004.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Ökonomisch-philosophische Manuskripte. Tradução Jesus Ranieri, Editora: Boitempo. 2004b

_____. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Sergio Tellaroli; Posfácio de Marshall Berman; revisão técnica Ricardo Musse- 1ª Edição. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das letras, 2012.

_____. **A ideologia Alemã**. Tradução de Alvaro Pina. 1ª Edição-São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MONTAÑO, Carlos e DERIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, classe e movimento social**. Biblioteca Básica de Serviço Social, v5. 3ª Edição –São Paulo, Cortez, 2011.

WEBER, MAX. **Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Volume 1. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão Técnica de Gabriel Cohn. 3ª Edição. Brasília-DF, 1994.

_____. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução Jose Marcos Mariani de Macedo Revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular índice remissivo Antônio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.